

A CONSTITUIÇÃO DO ADMINISTRADOR PROFISSIONAL

Nayara Emi Shimada (PG – UEM)
João Marcelo Crubellate (UEM)

RESUMO

O administrador, como sujeito é tão importante para a ciência ‘Administração’ quanto à figura do Homem como objeto central de estudo foi importante para o surgimento das ciências humanas e sociais. No entanto, a construção desse administrador como sujeito de fato é uma questão ainda pouco abordada pela área, apenas estipularam-se suas normas e regras, como devem ser suas ações, caminhos metodológicos que pode seguir, mas raramente se analisa o sujeito-administrador em si. Foucault pode ser um bom começo para estabelecer um novo modo de ver as coisas e começar a delinear nosso sujeito-administrador, já que sua obra teve como principal tema a constituição do sujeito. Diante disso, o presente artigo, fruto de um projeto de iniciação científica, tem como objetivo investigar como ocorre a constituição do sujeito-administrador em face das normas e parâmetros orientadores e controladores de sua formação e conduta profissional. A partir disso, buscamos identificar quais práticas são consideradas relevantes, do ponto de vista destes administradores, para a sua constituição enquanto ‘sujeitos-profissionais’ e como essas práticas se relacionam com aqueles elementos – regras, normas, parâmetros, enfim, elementos da prática discursiva concernentes ao administrador profissional. Os dados foram coletados através de 12 entrevistas semiestruturadas realizadas com profissionais atuantes da área profissional de Administração. Tais dados foram analisados de acordo com o método arqueológico de Foucault, no qual, o foco é o próprio pensamento, o próprio discurso. Os resultados obtidos revelam que a constituição do sujeito-administrador ainda é fortemente relacionada com aqueles elementos da prática discursiva concernente ao administrador profissional.

Palavras chave: Constituição. Sujeito. Administrador. Foucault.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo faz parte de um projeto de iniciação científica que teve como objetivo geral investigar a constituição do sujeito-administrador em face das normas e parâmetros orientadores e controladores de sua formação e conduta profissional. Para que o objetivo geral fosse alcançado, buscamos identificar quais práticas são consideradas relevantes, do ponto de vista destes administradores, para a sua constituição enquanto ‘sujeitos-profissionais’, e como essas práticas se relacionam (ou não) com aqueles elementos da prática discursiva concernentes ao administrador profissional. Para isso, é tomado como base teórica o filósofo francês Michel Foucault, cuja obra teve como principal e mais importante tema a constituição do sujeito.

A obra de Foucault é comumente repartida em três fases. A fase arqueológica, no qual o autor se dispõe a investigar o surgimento das ciências humanas, e inclui os principais livros publicados na década de 60: *A história da loucura* (1961), *O nascimento da clínica* (1963), *As palavras e as coisas* (1966), e *A arqueologia do saber* (1969). Em sua fase genealógica, Foucault aborda questões referentes aos mecanismos de poder, utilizando a genealogia como método e o poder como foco de análise para esclarecer os saberes (PEREIRA; MUNIZ; LIMA, 2007, p. 6). Os principais livros dessa fase são: *Vigiar e Punir* (1975), e o volume I - *A vontade de saber* (1976) da *História da sexualidade*. O último momento de Foucault é a fase ética, que se refere à subjetivação, ou melhor, “a constituição do sujeito por meio de uma Ética apoiada na reflexão sobre si, sem que nesse processo houvesse a presença prescritiva de códigos, interditos e mecanismos disciplinares” (FONSECA, 1995 apud MOTTA, ALCAPADIANE, 2004, p. 119). As obras que pertenceram a essa fase foram: Volume II - *O uso dos prazeres* (1984) e Volume III - *O cuidado de si* (1984) da *História da sexualidade*, além de diversos cursos publicados na forma de livros.

Os escritos de Michel Foucault têm influenciado diversas áreas das ciências humanas. Os principais temas abordados pelo filósofo vão desde a formação histórica dos saberes e dos discursos, as relações de poder-saber e principalmente as questões relacionadas à constituição do indivíduo em sujeito. O próprio autor afirma que suas pesquisas não tinham como objetivo estudar o fenômeno do poder, mas de investigar os diferentes modos ou formas que um indivíduo, em uma determina época ou lugar, pôde vir a se tornar sujeito (FOUCAULT, 1995). Portanto, com a finalidade de apresentar a história da constituição do sujeito, Foucault trabalhou em suas obras com três modos de objetivação do sujeito, ou seja, com três formas, pelas qual o indivíduo vem a se tornar sujeito: as práticas discursivas, as práticas disciplinares ou divisoras e as subjetivizantes (DREYFUS E RABINOW, 1995).

No primeiro modo estuda-se a objetivação do sujeito a partir das ‘práticas discursivas’, isto é, por meio dos diferentes estatutos de ciências o indivíduo torna-se objeto de conhecimento (DREYFUS; RABINOW, 1995; FOUCAULT, 2006). No segundo modo, a objetivação do sujeito se dá por meio das práticas disciplinares, ou seja, práticas que objetivam o indivíduo “dividindo-o em louco e são de espírito, doente e saudável, criminoso ou ordeiro” (ARAÚJO, p. 94, 2008). E por último, modo no qual tratou das ‘práticas subjetivizantes’ (ARAÚJO, 2008, p. 93), nas quais o homem se transforma em sujeito por meio da relação de si para consigo mesmo (FONSECA, 2003).

Dentro desse contexto, o sujeito-administrador torna-se objeto interessante para nossa análise, pois, utilizar uma nova abordagem para, pelo menos, começar a entender e delinear esse sujeito fruto do processo acadêmico – o administrador diplomado formalmente – e o que a sociedade e sua classe esperam e cobrarão dele é importante para a Administração como ciência ainda em construção e que abrange inúmeras contribuições, de inúmeras outras áreas do conhecimento.

2 O SUJEITO FOUCAULTIANO

O principal tema das obras de Foucault, como o próprio autor afirma no ensaio *O sujeito e o poder*, publicado em 1995, sempre foi o sujeito, e não a questão do poder e suas relações, como muitos pesquisadores alegam. Michel Foucault apresenta dois significados distintos para o termo sujeito. O primeiro, referente ao indivíduo que é dependente e controlado por alguém (FONSECA, 2003). Neste caso, o sujeito é resultado das práticas discursivas e não discursivas que permeiam a sua constituição. A segunda definição traz um indivíduo que é detentor de sua própria identidade (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 235). Aqui, o sujeito é capaz de se constituir como sujeito de seus atos, afirma Araújo (2010).

O sujeito em Foucault não é algo acabado ou finito, que pode ser resumido em uma única substância, mas é uma forma construída historicamente, a partir de “longos, árduos e conflituosos acontecimentos discursivos, epistêmicos e práticos” (ARAÚJO, 2008, p. 95). O sujeito foucaultiano é uma espécie de “categoria histórica”, afirma Nicolazzi (2004). Ou seja, em cada época ou momento histórico, o sujeito pode ser constituído de uma determinada forma. Portanto, como já foi dito anteriormente, o sujeito em Foucault não se instaura através de uma substância, mas por meio de uma forma (CASTRO, 2009). Forma essa que nem sempre é idêntica em si mesma, afirma Foucault (2006). Pois, em cada tipo de relação que se estabelece, existirá uma forma diferente de sujeito em si mesmo. Portanto, o objetivo de Foucault era demonstrar as diferentes formas que esse mesmo sujeito pode ter em relação aos jogos de verdade, ou seja, em relação às práticas sociais, de poder e institucionais que interferem na sua formação (FOUCAULT, 2006).

3 OBJETIVAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO

Com intuito de apresentar a história da constituição do sujeito, Foucault trabalhou em suas obras com três modos de objetivação do sujeito, ou seja, com três formas predicante as quais o indivíduo vem a se tornar sujeito (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 231). No primeiro modo estuda-se a objetivação do sujeito a partir das ‘práticas discursivas’ ou pelos diferentes estatutos de ciências, a linguística, a economia ou biologia (DREYFUS E RABINOW, 1995). Esse tipo de objetivação do sujeito pode ser encontrado nas obras *História da Loucura na idade clássica*, em *Nascimento da clínica* e em *As palavras e as Coisas*.

No segundo modo, a objetivação do sujeito se dá por meio das ‘práticas disciplinares’, ou seja, práticas que objetivam o indivíduo “dividindo-o em louco e são de espírito, doente e saudável, criminoso ou ordeiro” (ARAÚJO, 2008, p. 94). Essas práticas são evidenciadas nas obras *Vigiar e Punir*, *A vontade de Saber* e *História da Loucura* (ARAÚJO, 2008; SOUZA, 2008). E por fim, o último modo no qual tratou das ‘práticas subjetivantes’ (ARAÚJO, 2008, p. 93), nas quais o homem se transforma em sujeito por meio da relação de si para consigo mesmo (FONSECA, 2003). O sujeito rompe com os dispositivos disciplinares de poder, saber e de sexualidade, isto é, o homem rompe com uma série de redes de relações estabelecidas entre diferentes elementos, tais como: os discursos, as instituições, as leis, os enunciados científicos etc (CASTRO, 2009).

Fonseca (2003) afirma que os seguintes modos de objetivação e a subjetivação, competem conjuntamente na constituição do sujeito. O primeiro modo constitui o indivíduo a partir de práticas disciplinadoras, que tendem a fazer do ser humano um objeto “dócil e útil” (FONSECA, 2003, p. 25); enquanto no segundo modo, o sujeito é constituído a partir da sua identidade, da sua própria subjetividade (FONSECA, 2003).

3.1 A OBJETIVAÇÃO POR MEIO DAS ‘PRÁTICAS DISCURSIVAS’

Em suas obras iniciais, Foucault tendo como ponto de partida os discursos, procura investigar como ocorre a constituição do sujeito em objeto, ou seja, o autor busca compreender como o sujeito pode vir a se tornar “objeto de conhecimento” (FOUCAULT, 2006, p. 236). Seu interesse não era descobrir como o homem se constitui na história do conhecimento ‘psicológico’, mas como, através dos jogos de verdade, ele pôde se constituir como objeto principal de análise (FOUCAULT, 2006). Por jogos de verdades, Foucault (1985) entende como uma série de regras que regulam a produção da verdade – são procedimentos que diferenciam o verdadeiro do falso, e atribui ao verdadeiro uma carga específica de poder. Isso

quer dizer que o discurso pode vir a se tornar verdadeiro ou não dependendo da época, situação ou espaço que ele foi dito.

Em *História da loucura na idade clássica* (2003), Foucault, por meio do método arqueológico, aborda a constituição do sujeito, perante as práticas discursivas, da psiquiatria e da medicina clínica. Segundo Araújo (2008), sua intenção não foi contar a história da loucura ou da psiquiatria, descrevendo seus sintomas, evolução da cura e tratamento. Foucault (2003) pretendeu mostrar as diferentes maneiras pelas quais se fizeram as várias experiências da loucura e, conjuntamente, como sucedeu o processo de objetivação dos sujeitos na qualidade de louco e são ou em doente e sadio.

Em seguida, na obra *Nascimento da Clínica*, publicado em 1963, Foucault segue com a sua descrição arqueológica, analisando a ruptura entre a medicina clássica e a medicina moderna e o nascimento de um novo discurso médico (SOUZA, 2008; MACHADO, 1985). A abordagem deste livro tenta chamar a atenção para a mudança que ocorreu na medicina nos fins do século XVIII, afirma Araújo (2008). De uma medicina considerada clássica, baseada na história natural, no qual a doença se apresenta de acordo com sua essência nosológica, ou seja, a doença classificada em tipos, “situada no quadro ordenado das espécies, definida pela comparação dos sintomas e independente do corpo do doente” (SOUZA, 2008, p. 26).

No entanto, com a Revolução Francesa, afirma Souza (2008) as faculdades e os hospitais são suprimidos, deixando um largo vazio institucional. Eis então que surge um novo espaço, que envolve aprendizagem, observação, prática; é então que emerge um novo olhar médico. Por meio dessa ruptura, nasce uma nova forma de tratar a doença, além do surgimento de novos objetos, conceitos, discursos e sujeitos no âmbito do conhecimento. Portanto, neste livro, Foucault investiga o processo de objetivação do sujeito doente pela medicina moderna, que pode se realizar somente a partir da experiência da morte (SOUZA, 2008).

Em *As palavras e as coisas* (1999), Foucault muda o foco do seu pensamento. Neste livro, o autor tenta descrever a história da formação das ciências humanas, relacionando-a com o surgimento de outros conceitos, conhecimentos ou saberes de determinadas épocas (FOUCAULT, 1999). Foucault relata que o problema epistemológico das ciências humanas foi justamente esse, de ter relacionado à sua formação com outras ciências, como por exemplo, com a biologia, economia e a filosofia (ARAÚJO, 2008).

Ao estudar a constituição epistemológica, Foucault, constatou que as ciências humanas não possuíam um domínio empírico delineado ou um plano só seu, elas se situavam entre os outros eixos, até podiam ser consideradas um “conjunto de discursos, no entanto ainda era um espaço vazio e não-desbravado” (FOUCAULT, 1999, p. 475 – 476; ARAÚJO, 2008). A problemática que sempre esteve na essência do pensamento de Foucault e que está presente em *As palavras e as coisas* (1999) é a constituição histórica dos saberes sobre o homem (MACHADO, 2006, p.111). Assim, para Foucault analisar o surgimento das ciências humanas ou como ocorreu a constituição dos saberes, foi indispensável continuar a pesquisar outras épocas, outros saberes, assim como fez em obras anteriores, como em *História da loucura na Idade Clássica* (1961), para tentar demonstrar que em outras épocas não houve um saber sobre o homem (MACHADO, 2006, p.111).

Portanto, a análise que Foucault fez das ciências humanas não é uma descrição isolada, e sim é o resultado da “inter-relação de saberes sobre o homem” (MACHADO, 2006, p.111). A tentativa de Foucault é exatamente de demonstrar que existe certa regularidade na “disposição das coisas para o saber” (ARAÚJO, 2008, p. 37-38), essa disposição ou ordem, nada mais é do que o próprio discurso dito em uma determinada época.

3.2 A OBJETIVAÇÃO POR MEIO DAS ‘PRÁTICAS DISCIPLINARES’.

A partir da década de 70, com as obras *Vigiar e Punir* (1975), *Microfísica do Poder* (1976) e *História da Sexualidade* (1976-1984), Foucault inicia a sua fase genealógica. O saber e o poder são os temas principais desta fase (ARAÚJO, 2008). Diferentemente do arqueólogo, que busca descrever as regras que regem as práticas discursivas, o genealogista analisa a superfície dos acontecimentos, ignora a origem, rejeita aquilo que está pré-estabelecido (DREYFUS; RABINOW, 1995; CANDIOTTO, 2007). De acordo com o próprio Foucault o objetivo do genealogista é combater “a primazia das origens, das verdades imutáveis” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 121). O genealogista busca descrever como as relações nesses espaços, investidas de saber e poder produzem historicamente um sujeito disciplinado, dócil e útil (ARAÚJO, 2008; FONSECA, 2003).

Cabe ressaltar que, para Foucault (1985) a arqueologia e a genealogia são duas metodologias complementares, ou seja, enquanto a arqueologia busca descrever a discursividade local, a genealogia é a tática, pois a partir da discursividade local, ela tenta mostrar como o exercício do poder está presente nos saberes históricos. Assim, partindo das práticas propriamente discursivas e de outras práticas, a genealogia analisa como o “saber dos discursos é devedor e produtor de certas relações de poder” (ARAÚJO, 2008, p. 118). São essas relações de poder que fabricará um sujeito normalizável, afirma Araújo (2008). Araújo (2008) ainda afirma que esse sujeito normalizável se torna objeto de estudo científico das ciências humanas, da medicina, da psicanálise e também da esfera jurídica. Essas práticas não discursivas exerceram o domínio do corpo como forma de extrair a verdade sobre esse sujeito (ARAÚJO, 2008).

A obra *Vigiar e Punir* (1975) é um exemplo da análise genealógica de Foucault. Por meio das formas históricas de poder, Foucault mostra neste livro como ocorre a constituição do indivíduo moderno. Essas formas são práticas que dentro da nossa cultura que tendem a constituir o indivíduo em objeto (FONSECA, 2003). Entretanto, Araújo (2008) afirma que esta obra não tem o intuito de contar apenas uma história das prisões, retratando suas origens, causas e evoluções, mas Foucault está preocupado com a individualização, normalização e disciplinarização do homem diante as novas formações de saberes e poderes. Uma das teses básicas que Foucault (1985) defende nessa obra é que o poder e o saber são elementos que possuem uma dependência mútua. Foucault quer dizer que não há relações de poder que não são fundamentadas num campo de saber, e nem saber que se constitui sob relações de poder (FOUCAULT, 1985; ARAÚJO, 2008; FONSECA, 2003).

3.3 A OBJETIVAÇÃO POR MEIO DAS ‘PRÁTICAS SUBJETIVIZANTES’

Após demonstrar a objetivação do sujeito por meio das práticas discursivas e disciplinares, Foucault em seu último modo irá analisar a constituição do sujeito por meio da relação de si para consigo mesmo (FONSECA, 2003). Nesse momento, o sujeito rompe com uma série de discursos, saberes e os dispositivos que o produz como objeto e começa a constituir sua própria forma de subjetividade, tornando-se um sujeito detentor de sua identidade, de sua ação (FOUCAULT, 2006). Cabe ressaltar que subjetividade para Foucault trata-se da “maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo” (FOUCAULT, 2006, p. 236). Ou seja, o sujeito torna-se objeto de estudo para ele próprio.

Portanto, esse último modo de Foucault refere-se a sua fase ética, no qual o autor analisa “a constituição do sujeito por meio de uma Ética apoiada na reflexão sobre si, sem que nesse processo houvesse a presença prescritiva de códigos, interditos e mecanismos disciplinares” (FONSECA, 1995 apud MOTTA, ALCADIPANE, 2004, p. 119). Foucault nesta fase

procurou compreender os procedimentos, os modos ou ainda os conjuntos de práticas de si pelos quais os indivíduos podem constituir a sua subjetividade diante os códigos morais prescritos e impostos numa cultura (FAÉ, 2004; FOUCAULT, 2010). É nesse contexto que o conceito de moral ganha importância na obra de Foucault.

O conceito de moral é usualmente vinculado de forma ambígua. Entende-se por moral um conjunto de regras e valores propostos aos indivíduos por determinados aparelhos prescritivos, como por exemplo, a família, as instituições de ensino e a igrejas (FOUCAULT, 1984). Essas regras podem ser bem explicitadas ou podem ser transmitidas de maneira difusa na sociedade. Portanto, pode-se chamar esse conjunto de regras prescritivas de “código moral” (FOUCAULT, 2006, p. 211).

Porém, moral também pode ser entendida como o comportamento efetivo das pessoas perante tais conjuntos de regras e valores prescritos (FONSECA, 2003). Essa moral determina de que modo, e com que margem de variação ou transgressão as pessoas se conduzem em referência a um determinado sistema prescritivo, afirma Foucault (1984). Ou seja, moral aqui se refere à maneira como as pessoas se sujeitam ou resistem a uma regra ou conduta estabelecida. Neste caso, o modo como as pessoas se comportam diante de determinada regra é chamado de “moralidade dos comportamentos” (FOUCAULT, 1984).

No entanto, nenhuma dessas definições ou conceitos concernentes a moral levam em consideração um elemento constitutivo da moral, chamado por Foucault de “ética” (CANDIOTTO, 2005). O que importa na ética denominada por Foucault, não é o código moral ou a conduta ante de tal regra, e sim “o modo de conduzir-se diante da prescrição da regra e a constituição como ‘sujeito moral’ que isso demanda” (CANDIOTTO, 2005, p. 132). A perspectiva que Foucault privilegia não é a dos códigos morais, jurídicos ou religiosos, mas a da conduta, o modo de comportar-se ou das posições em face de códigos e leis, enfim, como antes já mencionado, é o que Foucault chama de práticas de si (MUCHAIL, 2004). Eis então o núcleo da questão ética para o pensador francês, qual seja, o processo de constituição de si, os modos de subjetivação pelo qual o sujeito vem a ser objeto de saberes e de práticas de poder ou, objeto de conhecimento e de práticas de si mesmo (CANDIOTTO, 2005; MUCHAIL, 2004). Foucault (1984) designou ainda quatro elementos que constituem essa moral da relação consigo mesmo, denominados respectivamente de: *determinação da substância ética, modo de sujeição, elaboração do trabalho ético e teleologia do sujeito moral*.

Dessa forma, a constituição do sujeito nesta fase ética ocorre por meio da relação de si para consigo mesmo, ou seja, o indivíduo irá se constituir a partir de um processo de reflexão, no qual se liberta das normas, regras que lhe são ordenadas (FOUCAULT, 2006; CANDIOTTO, 2005). Esse exercício de libertação ou liberdade significa a transformação do sujeito como objeto de conhecimento, para objeto de sua própria verdade, isto é, torna-se objeto de si (FOUCAULT, 2006).

4 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos adotados neste estudo basearam-se primeiramente na elaboração e aplicação de entrevistas semiestruturadas com profissionais atuantes da área profissional de Administração e em seguida, diante dos dados coletados nas entrevistas foi realizada uma análise de acordo com o método arqueológico de Michel Foucault.

Foram realizadas 12 entrevistas administradores profissionais, tanto de organizações públicas como de organizações privadas, nos meses de janeiro e fevereiro deste ano. O roteiro para guiar as entrevistas compunha-se de 18 questões. Essa fase da pesquisa teve por finalidade, além de ser uma fonte de informação para o desenvolvimento da pesquisa, proporcionar

credibilidade e segurança a realização desse trabalho. Decorrida essa fase de coleta, os dados foram analisados à maneira qualitativa, utilizando-se como base de avaliação, análise e comparação os escritos de Michel Foucault, com a finalidade de delinear os limites empíricos do espaço de sujeito a ser preenchido pelo administrador moderno.

O método utilizado como base de análise, foi o arqueológico de Michel Foucault. Aqui se faz necessária uma breve explicação sobre o que é esse método de análise. A intenção do arqueólogo do saber é estudar certas obras enquanto monumentos de uma época, ou seja, analisar os “arquivos” (JAPIASSÚ, 1977, p. 122) pronunciados de uma cultura, e de seu saber em um dado momento histórico. O método investiga os discursos, que de acordo com Foucault (2008b, p.49) nada mais é do que a própria verdade nascendo diante de nossos olhos. Para a compreensão do discurso enquanto prática descontínua, Foucault (2008b) propõe os seguintes princípios: *inversão, descontinuidade, especificidade e exterioridade*.

O primeiro princípio apresentado por Foucault (2008b, p. 50-51) é o princípio de *inversão*, que é contra a existência de um princípio de expansão e da continuidade linear do discurso; é preciso reconhecer as supressões e as rarefações do discurso. Em seguida, o princípio da *descontinuidade*, segundo Foucault (2008b, p. 52) não pressupõe que pelo fato de existir sistemas de rarefação não quer dizer que por baixo ou através deles exista um grande discurso, um discurso reprimido e silencioso, e que “[...] nós tivéssemos por missão descobrir restituindo-lhes, enfim, a palavra.” (FOUCAULT, 2008b, p.52-53).

Outro princípio apresentado por Foucault é o da *especificidade*. Trata-se do cuidado em “não transformar o discurso em um jogo de significações prévias” (FOUCAULT, 2008B, 53), ou seja, não existe um não-dito esperando ser descoberto. O último princípio é o da *exterioridade*. Afirma que devemos nos manter na exterioridade do discurso, ou seja, não devemos passar do discurso para o seu “núcleo interior e escondido” (FOUCAULT, 2008b, p.53). Devemos compreender o discurso ao nível do próprio discurso, de sua regularidade e de sua aparição, isto é, passar a analisar o discurso através de suas “condições externas de possibilidade” (FOUCAULT, 2008b, p.53).

Para a análise dos discursos sob a ótica foucaultiana é preciso, portanto, recusar toda forma de discurso linear, e igualmente à procura constante de um sentido reprimido e silencioso por trás do discurso. Para o autor, é preciso analisar o discurso somente no nível das palavras, o discurso em si.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Percebe-se através das respostas obtidas que as principais normas e parâmetros citados pelos entrevistados como relevantes, ou, no mínimo, influentes na formação e atuação do administrador profissional foram: os Conselhos Federais e Regionais de Administração, os projetos pedagógicos, as disciplinas da graduação, o Código de ética do administrador e por fim, a própria formação acadêmica em administração.

De acordo com o discurso dos entrevistados, a existência de um órgão que represente a classe, que defenda os direitos dos profissionais, é importante em qualquer profissão. No entanto, para os entrevistados, na área da Administração, a filiação a esses órgãos é vista como uma formalidade a ser cumprida ou como uma exigência para o exercício da profissão. A crítica recai sobre a falta de atuação e fiscalização por parte desses órgãos. Entretanto, essa ausência muitas vezes é justificada pela forma como o próprio profissional se apresenta. Isto é, a generalidade e imprecisão que circunscreve a identidade do administrador acabam por dificultar a atuação desses órgãos. A filiação aos Conselhos de Administração, portanto, é considerada pelos entrevistados uma obrigação, uma prática a ser seguida. O administrador vê-se obrigado a cumprir tal norma, para ser reconhecido como sujeito profissional perante a

sua categoria, ou apenas para exercer um cargo numa empresa. Não restando espaço, nem possibilidade para a subjetivação.

Os projetos pedagógicos dos cursos de administração são considerados pelos entrevistados, um documento que pode influenciar tanto positivamente como negativamente a formação acadêmica, isso dependerá de fatores como a grade curricular, os docentes, a missão e o objetivo do curso etc. Além de ser um documento capaz de moldar os futuros profissionais, por ser utilizado como um orientador pelos cursos. Já as disciplinas da graduação também são consideradas parâmetros importantes na formação e atuação do administrador. Segundo o discurso dos entrevistados, para o sujeito constituir-se em administrador profissional é necessário que ele tenha a total compreensão de disciplinas tanto de formação conceitual, técnica e humana, pois a prática profissional exige do administrador essa formação multidisciplinar.

Em relação ao Código de Ética do administrador, os entrevistados reconhecem a importância da sua existência para regulamentar a profissão. No entanto, não é um documento capaz de intervir na formação acadêmica, nem a prática do administrador, seja por causa da falta de divulgação ou interesse dos próprios profissionais. Vale destacar que grande parte dos entrevistados afirma que se orienta por seus próprios princípios éticos, já que o código de ética é considerado pelos entrevistados mais uma questão de formalidade. Percebe-se, neste momento, que os profissionais abrem espaço para aquilo que Foucault chamou de subjetivação, pois mesmo diante de um código formal, eles tentam construir, através de uma reflexão, suas próprias regras, condutas.

Em seguida, indagados sobre quais leituras (livros, revistas, artigos etc) são consideradas importantes para a atuação do administrador, os entrevistados responderam que atualmente em razão desse dever do administrador de manter-se sempre atualizado, a principal fonte de informação acaba sendo as revistas de negócios, embora alguns profissionais mostrar-se relutantes a esse tipo de leitura, por apresentarem informações superficiais de determinados assuntos. Apesar disso, percebeu-se que a maior preocupação do administrador profissional é atender as expectativas do mercado de trabalho, da sociedade e da sua classe profissional, e a prática de recorrer às revistas de negócios, na opinião dos entrevistados, não deixa um meio para que isso aconteça, justamente por abordarem assuntos recentes e atualizados. Nota-se, portanto, que não há um exercício de reflexão por parte do administrador, ele apenas aceita tal prática como certa, como um dever para atender as expectativas impostas sobre ele.

No que diz respeito à formação acadêmica em Administração, os entrevistados acreditam ser um elemento importante para a constituição enquanto sujeito-profissional, contudo, somente a formação ou o diploma em administração não é suficiente, na opinião dos entrevistados. Eles alegam que o administrador deve ter a capacidade de saber aplicar o conhecimento adquirido à prática do trabalho. Assim, observa-se que a formação acadêmica é um parâmetro influenciador na atuação do administrador, mas somente a formação não constitui o administrador em um sujeito profissional, existem outros fatores a serem considerados na opinião dos entrevistados.

Posteriormente, procurou-se saber, na opinião dos entrevistados, quais características eles consideram como importantes para um administrador profissional. Observou-se que o sujeito administrador deve possuir um vasto conjunto de aptidões e conhecimentos, as que mais se destacaram foram: visão sistêmica, generalista e holística. Tal discurso indistinto só vem para sustentar o perfil genérico e impreciso que caracteriza o administrador profissional. Pode-se perceber também que só é possível o sujeito legitimar-se como administrador na prática da profissão, se ele conseguir alcançar bons resultados na empresa em que atua, ou seja, a sua construção enquanto 'sujeito profissional' irá depender se as metas ou objetivos foram atingidos.

6 CONCLUSÃO

Com base no que foi exposto, pode-se concluir que a constituição do sujeito-administrador é ainda fortemente relacionada com aqueles elementos da prática discursiva concernentes ao administrador profissional – regras, normas, parâmetros. Ou seja, a construção do sujeito-profissional ainda está presa a elementos, discursos e dispositivos, entre eles: o Conselho Federal e Regional de Administração, os manuais do Administrador, as disciplinas da graduação, os projetos pedagógicos dos cursos de Administração, e as publicações, sobretudo as revistas de negócios. Tais elementos incidem e definem quem é o sujeito administrador, o que deve fazer e o que deve ser. Esta relação com os parâmetros que circunscrevem o Administrador acontece na maioria das vezes pelo modo de sujeição, isto é, para que o sujeito ocupe o espaço reservado ao administrador, ele é condicionado a exercer tais práticas tidas como certas, e poucas vezes ele tem espaço para o exercício reflexivo em relação a sua identidade, ao seu papel como administrador.

Decorre dessas conclusões que o antigo problema da dificuldade enfrentada pela área de administração de se constituir independentemente de suas origens norte-americanas parece, ainda, longe de uma solução. Os resultados deste estudo demonstram que o próprio administrador, no seu modo corrente de constituição como sujeito-profissional, ainda está fortemente atrelado a um modo pouco crítico e pouco autônomo, ou reflexivo, de autoconstituição. Ao entregar-se aos discursos predominantes, o administrador repete indefinidamente sua vinculação a um espaço que é, desde sua origem, configurado a partir de manuais de formação e aos modelos e técnicas importadas de outros contextos nacionais. Enquanto o próprio profissional-administrador não tomar para si mesmo sua constituição, como projeto crítico, esses problemas deverão perdurar.

7 REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Inês L. **Foucault e a crítica do sujeito**. 2. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2008.
- ARAÚJO, Inês L. **Foucault e a ética dos atos de liberdade**. In: CANDIOTTO, C. *Ética: Abordagens e perspectivas*. Ed. Champagnat. Curitiba, 2010.
- CANDIOTTO, C. Uma ética singular: o diagnóstico de Michel Foucault. In: BOCCA, F. (Org.). **Natureza e Liberdade**. Curitiba: PUCPR, 2005.
- CANDIOTTO, C. Verdade e diferença no pensamento de Michel Foucault. **Kriterion**, Belo Horizonte, vol.48, n.115, pp. 203-217, 2007.
- CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009
- DREYFUS, H.; RABINOW, P. (1995). **Michel Foucault uma Trajetória Filosófica**: (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Tradução Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.
- FAÉ, R. A genealogia em Foucault. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 409-416, set./dez. 2004.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade II – o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. 5ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L. ; RABINOW, P. **Michel Foucault – uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1995. p. 231-249.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica**. Trad. de José Teixeira Coelho. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- FOUCAULT, M. **Ética, Sexualidade, Política**. Ditos & Escritos – Volume V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008b.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- FONSECA, M. A. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 2003.
- JAPIASSÚ, H. A epistemologia “arqueológica” de Michel Foucault. In:_____. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. p. 111 – 134.
- MACHADO, R. Por uma genealogia de poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. 5ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, p. 7 – 23.
- MACHADO, R. **Foucault, a ciência e o saber**. 3 ed. rev e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- MOTTA, F.C.P.; ALCAPADIANE, Rafael. **O pensamento de Michel Foucault na teoria das organizações**. RAUSP, São Paulo: FEA/USP, v. 39, n. 2, p. 117-128, abr./jun. 2004.
- MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, simplesmente**. São Paulo: Loyola, 2004.
- NICOLAZZI, F. A narrativa da experiência em Foucault e Thompson. **Anos 90**. Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p. 101-138, jan./dez. 2004.
- PEREIRA, M.C.; MUNIZ, M.M.J.; LIMA, J.B. Foucault e estudos organizacionais: ampliando as possibilidades de análise. **Revista de Ciências da Administração**. v.9, n.17, jan./abr.2007. Disponível em:<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/viewArticle/1750>>. Acesso em 23 maio. 2011.
- SOUZA, Fabiane Marques de Carvalho; Muricy, Katia Rodrigues. **Da arqueologia à genealogia: a questão do sujeito no percurso filosófico de Michel Foucault**. Rio de Janeiro, 2008, 168p. Tese de Doutorado – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.